o que a psicanálise com a criança nos ensina?

Silvia Grebler Myssior[1]

[1] Psicanalista, membro de Aleph – Escola de Psicanálise – BH. Co-fundadora de "Primeiro Espaço: Clínica, Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Infância" – Belo Horizonte, MG.

A clínica nos ensina que a análise com a criança é uma verdadeira psicanálise e que, portanto, é legítimo esperar que o lugar de causa de desejo se revele ao analisante. Se, por um lado, a criança pode interrogar o desejo do Outro, para se reposicionar e se perguntar pelo seu desejo, ela esbarra, por outro, na questão do saber.

No contexto social, a criança costuma ser tomada como aquela que não sabe. O tratamento analítico ressalta a diferença da psicanálise em relação ao laço familiar e ao pedagógico, ou seja, de que há um saber que não se ensina; ele surge a partir do reconhecimento da diferença dos sexos. Trata-se de que um sujeito, mesmo que seja ainda uma criança, venha a produzir e se responsabilizar por certo saber, que é um saber-da-falta. O que promove essa distinção, sustentando-a, é a função do analista, que, ao não lançar mão de um saber *a priori*, permite-se ouvir atentamente o que o sujeito fala e seus entreditos. Assim, o saber é franqueado no percurso de uma análise, por meio do ato analítico e tendo como pano de fundo a transferência.

A infância é o tempo constitutivo do sujeito, e isso implica a disposição dos elementos constitutivos em uma temporalidade lógica. À espera de serem validados na adolescência, a incidência marcante da castração, o recalcamento, a recusa à castração ou a forclusão já sinalizam desde a infância a disposição dos elementos na estrutura até então possíveis ao sujeito. A noção de posterioridade, tão cara à Freud, lembra-nos que, no depois, está o antes.

Como considerar a temporalidade lógica na constituição do sujeito para abordar a direção da cura com a criança sem, contudo, recusar certa cronologia aí implícita? Gostaríamos de tratar dessa questão sem dar um caráter de especificidade à psicanálise com as crianças. No entanto, ficar repetindo insistentemente que com a criança ou com o adulto, a psicanálise é uma só já não nos parece suficiente. "Os limites dessa práxis, quando encontrados, carecem de ser formalizados. Nem por isso esses limites necessitam ser colocados de antemão, para não retrocedermos frente ao real da experiência... e para que as particularidades extraídas de cada caso possam continuar

fazendo parte da reflexão da direção do tratamento"[2]. Assim, os sintomas, as inibições e a angústia apresentados pela criança devem ser escutados como produções do inconsciente, e não somente como respostas ao comportamento do adulto para com ela. Senão a reflexão psicanalítica não pode avançar.

[2] Vidal. Sobre o fantasma (s/d)

Uma criança pode então interrogar o desejo do Outro materno? Sim, e isso não é pouco. Supomos, no entanto, que seja necessário fazer uma passagem por um outro tempo para que o sujeito venha a se interessar não somente pela mãe, mas pela mulher. Um tempo de se deparar com o real do sexo, que geralmente se dá na adolescência, e que pressiona o sujeito a se perguntar pelo gozo da mulher. Nesse tempo, a possibilidade de realização do ato sexual e da escolha do parceiro não deve ser sem conseqüências para novos enodamentos. Entre infância e adolescência, um tempo de espera para a definição da estrutura, formulado por Freud como "latência", até que a recolocação dos elementos constitutivos deixe o sujeito em face de um novo impasse, perante o gozo e o desejo.

Então, quando se trata da análise com uma criança, o analista se pergunta: "Até onde se poderia chegar para considerá-la concluída?".

Pensamos que é necessário admitir e até mesmo distinguir um término de uma interrupção, pois, sem dúvida, há vários fins de análise possíveis. Demonstrar isso é nosso intuito no relato desse caso. Vamos tratar do percurso da análise de um menino que chamaremos B., que teve lugar entre seus oito e os quase dez anos de idade, fazendo uma tentativa de tomar certos pontos como referência para um possível fim de análise para essa criança.

o caso b.

Relato algumas passagens do tratamento de B. em quem a inibição, o sintoma e a angústia marcaram presença, pontuando a constituição fantasmática.

Seus pais demandam, de início, uma avaliação: o menino apresenta dificuldades na escola, não consegue se expressar na escrita, apesar de ir bem nas outras matérias. A mãe de B. se queixa de que ele nunca chega a terminar o que começa, é lento, inibido, e inventa histórias mirabolantes para se justificar. Mas ela se preocupa sobretudo nos estudos, ao passo que o pai se incomoda muito com suas mentiras, além de que B. está gordo e come demais. Mas o motivo principal de buscarem um analista é que B. está desanimado e infeliz.

Quando vejo B., ele me diz que "A redação vai mal", e que quando tem de escrever, fica "muito nervoso" e não consegue terminar. Os colegas o chamam de "gordo e mole". Pergunta-me se vou orientá-lo, ao que não respondo diretamente, a não ser que vamos nos interessar por isso que ele está dizendo.

Seu primeiro desenho é um avião, "com gelo no teto. Se voar, pode cair". Conta-me que é "o avião particular do presidente e precisou ligar um tubo de ar quente para descongelar. Só que o ar esquentou demais e queimou, provocando um acidente. Tiveram, então, que acionar uma mão mecânica para apagar o fogo". Seria essa ação da mão mecânica uma antecipação da transferência, já esboçada em presença do analista? (Fig. 1 e 2).



Fig. 1



Fig. 2

Paralelamente, há manifestação de angústia. Angústia sinal, em termos freudianos tomada como essa energia "desligada", fazendo pressão ao sujeito, e cujo destino é o que determina a escolha da neurose.

Contudo, no encontro com o analista a transferência se esboça, oferecendo uma possibilidade de "ligação": o significante da transferência parece se evidenciar quando B. observa a assinatura de um quadro no consultório que coincide com seu sobrenome materno. Esse significante desencadeia as associações: ele conhece o pintor por ser amigo da família, e me traz um "ingresso" para a exposição. A partir daí, B. me confia seus desenhos. Durante a análise, mesmo quando conta seus sonhos, é por meio da produção gráfica que ele se dirigirá à analista. Parece que aquilo que os pais valorizam – o pintor, a pintura – são os elementos aos quais o sujeito estrategicamente recorre na transferência, para me dizer de como ele se articula em face da demanda do Outro. Na redação, o sujeito responde com uma inibição na cadeia discursiva, comprometendo-se em demasia com os significantes do Outro. O que vai mal na escrita? Justamente um excesso de sentido que, se localizarmos no nó borromeano, estaria no lugar do gozo de sentido, na junção de Imaginário e Simbólico[3].

[3] Lacan. La tercera (1974/1998)

Sua pergunta atual parece ser a de como se articular como esse objeto que ele terá sido no desejo materno e que, caído do campo do Outro como falo, reenvia às operações de alienação/separação, ao estádio do espelho, ao estabelecimento da metáfora paterna. Por meio do discurso, via significantes (estrutura de linguagem), B. retoma seus elementos constitutivos, (nos) "fazendo saber" por meio das construções em seu percurso.

do nome-do-pai à identificação ao pai

Após alguns encontros, afloram os significantes maternos: "atrasado, lento", No relato do sonho de uma corrida de carros: "O W. Fitipaldi ia na frente, mas deslizou e deixou o concorrente chegar primeiro. Ficou perto do terceiro, mas não ganhou". Escrevo a letra W, que ele me lembra ser a primeira letra do pai. Vira a folha ao contrário, observando que "assim dá M de mãe, M de macho", e que o tio "machão" é o preferido das mulheres da família.

Virando a folha, pode-se pensar que o sujeito se põe a interrogar o desejo materno e também sua posição nesse desejo. Na sessão seguinte, B. não virá por ter tido bronquite, com falta de ar. A bronquite desaparece rapidamente, mas ele continua tossindo e me diz, fazendo um ato falho, estar sofrendo com a "fal-tar".

Nesse ponto do trabalho analítico, em que a angústia advém, o sujeito parece capturado em algum ponto do fantasma

materno, em face do sinal de proximidade do Outro. Angústia, sinal de perigo, de um desconforto, mas que é também o modo radical pelo qual o sujeito sustenta seu desejo. Entre um extremo e outro, um sintoma fóbico se instala, para fazer operar uma distância do sujeito com o Outro, entre o real e o simbólico. A mãe de B. me comunica que ele não está conseguindo andar de elevador, ficar em lugares longe da porta de saída. No entanto, esse é sintoma transitório, que não dura muito, talvez fundamental e estruturante.

Inicia-se, a partir daí, um tempo em que B. abre o debate com a barra da metáfora paterna, evidenciando tanto sua marca quanto algo que manca na interdição: "Papai diz que como muito, que ponho muitos morangos na boca, não consigo fazer regime".

O discurso paterno está presente na cena, mas e quanto ao ato paterno?

Retornam os significantes "atrasado, mole", com os quais B. já foi nomeado. Ele me comunica que anda comendo em excesso, mas que o pai ameaçou "tomar providências". Passagem da angústia ao sintoma fóbico e, em seguida, ao sintoma alimentar?

Ele traz o pai à cena, contando uma história que evoca uma suposta "fragilidade" paterna: convidado a gravar uma entrevista na TV, o pai chega atrasado, "perde" quase todo o programa, só fala um pouquinho. Tal fato vira briga em família, que cobra sua presença mais atenta e comprometida. O efeito não se faz esperar: B. traz uma redação feita na escola sobre as cobras: "Uma cobra média reclama da moleza do grandão dizendo que o filhote é igual ao pai". Sublinho: "O pai perde... a hora?", ao que ele retruca: "O pessoal lá em casa não gosta disso não, tem que ter hora pras coisas". Fim da sessão.

Um chamado do sujeito ao ato paterno?

a constituição do fantasma

Um dia, ao sair correndo da escola, B. cai e torce o pé. Falta a algumas sessões e, ao retornar, está bastante inquieto: ele manca, depende da mãe, do irmão, da empregada para fazer as coisas. Devido ao pé engessado, tem de pular com um pé só. A analista pergunta: "Mas é só assim (machucando) que se sai? Não tem outro jeito?". Mas B. me conta que, mesmo mancando, continua indo à aula, só que o esforço é maior e, vendo sua dificuldade, seus colegas o ajudam.

O analista se pergunta se sua intervenção sobre a falta teria provocado um *acting*...

Nesse ponto, a mãe de B. me comunica o quanto está feliz com o irmão de B., que é ótimo nos estudos e faz tudo certinho, ao mesmo tempo em que retoma suas queixas sobre o filho, a quem identifica com o pai.

Mais algumas sessões, e o tema retorna nos significantes: "macho, machucar". Desenha o tio: "Queria ser como ele, que tem coragem, mas..." (Fig. 3).



Fig. 3

O tio, macho, "tem"? Só que o sujeito, ao se ver reconhecido por algo com que o Outro o marca, lento, mole, não tendo, aspira a ter. Submetido à demanda do Outro, ele se angustia, come em excesso, engorda e se queixa disso por algum tempo, sem conseguir reduzir seu gozo. Mas o sintoma também não dá conta do real do gozo, e B. tem de buscar outra saída para poder prosseguir sua questão. Penso que ele o faz, produzindo uma enunciação.

Conta-me que viu uma foto em um livro: "Um animal muito esquisito, metade pássaro, metade mamífero". Tenta desenhá-lo, rasga várias folhas, até que consegue dizer: "não sei como ele pode mamar com o bico...". Uma questão crucial se coloca: ou mamar ("ser" o objeto da demanda materna) ou "ter" bico, e parece trazer à tona o núcleo fantasmático do sujeito, entre o gozo e o desejo – $\$ \lozenge a$.

Mais adiante, o sujeito procura enquadrar o real na cena: "Aliás, quando eu era pequeno, não chupava bico, só dedo. De tanto eu chupar, nasceram verrugas. O médico tentou tirá-las várias vezes, até mandou queimar. Por fim, foi meu pai quem conseguiu fazer cair com uma mágica, mas eu sei que caiu porque eu acreditei". O analista escuta uma aposta no ato paterno. Corte de sessão.

Tentando se diferenciar, B. monta seu próprio fantasma para dar conta do gozo. Assim, faz vacilar o saber do Outro ao produzir uma significação diante da pergunta pelo desejo do Outro. "As mulheres pensam que quem corre se machuca, mas é que elas não conhecem futebol... pelo menos é isso que eu penso que elas pensam". O Outro falta, não sabe tudo, e isso é uma descoberta para o sujeito.

"Na próxima sessão", diz B., "vou chegar pulando". E, contrariando o que se diz dele, talvez o sujeito esteja começando a não mais precisar "fazer-se mole".

o pai real

Chegam as férias, e B. vai passar uma temporada na casa dos avós paternos. Trata-se da primeira vez que sua mãe acata a decisão do pai de levá-lo em uma viagem só "de homens". Ao voltar, conta sua pesquisa sobre os laços de parentesco, tecendo considerações sobre seu lugar de primeiro filho e neto. Lá, um primo se queimou e o pai o socorreu. Relata a cena do primo chorando, gritando, mas não tendo escolha: teve de fazer o curativo. Conclui que, mesmo não sabendo tudo, um pai sabe alguma coisa, e faz o que tem de ser feito. É por isso que, quando ele crescer, quer ser geólogo, desenhista e viajar muito.

Crer na palavra do pai lhe dá uma certa garantia, e o sujeito pode arriscar uma escolha. O pai, com seu ato "mágico", mas também um pai real separador (separa-a-dor), conseguiu reduzir o gozo que crescia entre mãe e filho.

A inibição desaparece, o sujeito se planta na estrutura com uma identificação masculina. Além disso, B. encontra uma saída para se deslocar da posição de ser o falo à posição de querer tê-lo. Trata-se de uma identificação estruturante, que retoma a saída do Édipo pelo ideal do eu.

Começa a fase do Hulk (Fig. 4), personagem forte e com grande poder, que disputa lugar com um palhaço que fala "italiando" (em um ato falho, o sujeito diz "ritaliando". Retaliando?). Desenha uma bandeira, metade Brasil, metade Itália. Ao lado disso, um sonho: "Um leão que tinha de comer um coelho, senão o coelho virava carniça de urubu, não servindo para

nada. Aí sobrou o leão e um passarinho" (Fig. 5). Curiosamente, depois que o leão devora o coelho, o sujeito passa a uma atitude ativa: devorado, o coelho (materno) serve a algo; "retaliado" o coelho, o passarinho ganha um atributo fálico. O falo é uma promessa, já não mais o órgão, e sim o significante fálico operando com alguma potência.

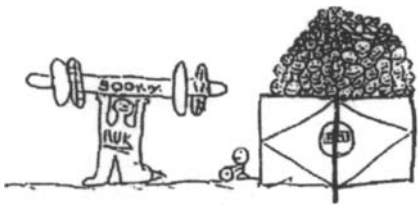


Fig. 4



Fig. 5

É tempo de passagem à identificação ao pai como potência. É quando B. se faz passar por uma série de situações nas quais o falo aparece como viril, com o que ele se identifica: briga na escola, enfrenta os colegas e, como ele diz, "não corre do pau".

Em dado momento acontece uma virada na análise. Começa a seguir um regime e a se interessar por números, questionando o valor das coisas, comparando com quanto me paga e dizendo que é muito caro. Bem mais atento a algumas coisas, começa a esquecer outras. Objetos são perdidos, desaparecem, fazendo com que o sujeito tenha de se haver com isso perante o Outro.

Começa a me avisar que no ano que vem quer parar a análise e começar judô. "Não posso fazer tantas coisas". Ele faz escolhas, partindo da perda para sustentar certa possibilidade.

Tempo em que revela bastante energia, numa posição ativa, nem "lento", nem "mole".

Uma nova série de desenhos se inaugura (Fig. 6, 7 e 8). Pássaros que se beijam, têm filhotes; o lagarto que "entra na casca da lagarta e fica beijando ela". Canetas são enfiadas no tinteiro mas "soltam tinta porque ainda não estão boas para serem usadas". B. diz que tem uma namorada, mas "só vai contar a ela quando crescer e puder se casar". O sujeito se dá conta de que o sexual, "latente", precisa ser adiado. Aceita reduzir o gozo em nome de uma promessa a se realizar no futuro.



Fig. 6



Fig. 7

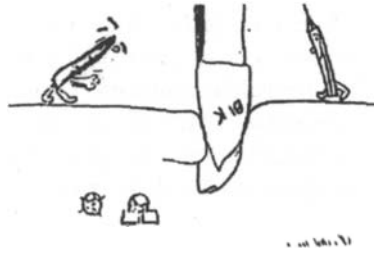


Fig. 8

Viaja em seu navio de perguntas e descobertas, faz pesquisas (Fig. 9). Atualmente, não gosta de brincar com meninas, elas só querem conversar. Em um desenho, "existe uma ilha: uma grande palmeira de um lado, um grande vazio do outro" (Fig. 10). Corte da sessão.



Fig. 9



Fig. 10

Após a instauração da masculinidade, o sujeito não tem muito a dizer.

Nesse momento, os pais de B. solicitam um encontro, para comunicar tanto a "rebeldia" de B. (que acabamos escutando como certa independência) quanto o retorno de sua mãe ao trabalho, deixado por ocasião do nascimento do segundo filho. O sujeito parece não mais precisar do sintoma para manter o Outro à distância, e isso acontece à medida que o Outro também se autoriza a uma separação.

No que se segue, B. começa a me telefonar bem no horário das sessões, avisando que não vem, que vai assistir à luta de

judô, quer ir à casa de um colega etc., até me dizer que está querendo parar, que "chega".

Proponho-lhe falarmos sobre isso e é surpreendente como ele se mostra aliviado por não ser atendido imediatamente em sua solicitação. Precisa "confirmar se vai ou não precisar da análise no próximo semestre". Diz-me também que no judô conheceu um japonês que lhe contou uma história impressionante: "No Japão, quando se fica velho, a gente é levado à montanha para morrer e fica lá sozinho. No lugar de cada velhinho ou velhinha que morre, uma marca é feita, de tal modo que as montanhas ficam cheias de marcas dos que lá estiveram". Faço-lhe algumas perguntas, mas ele diz que ainda não sabe direito o que pensar disso. Só mais tarde a questão da morte retornará, já em outra elaboração. O desenho seguinte é (Fig. 11) "um foguete que parte da Nasa e, mesmo não sendo *bi-wolt*, ele vai". Escuto que o sujeito consente em mudar sua posição, aceitando a assunção de um falo que não é uma superpotência e, sim, marcado pela castração (- φ).

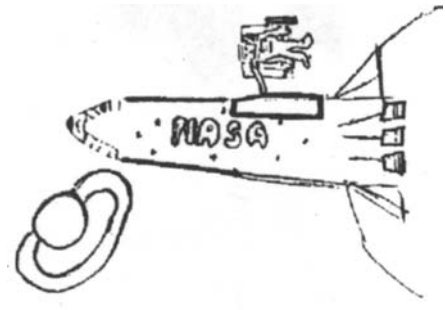


Fig. 11

Essa posição, contemporânea ao terceiro tempo do Édipo, é estruturante, e é quando o privador já tem o falo negativizado. O falo paterno, que é aí o pivô do drama, vai ser recolocado como objeto de desejo materno, marcado por uma perda de gozo, já não-todo potente.

Já teria o sujeito tomado certa distância do desejo materno, tanto quanto da posição de impotência do pai, para poder resgatar o possível da posição masculina?

fim de análise: seria o desenho uma escrita?

A insistência de B. no tema "cair" o faz trabalhar ainda um pouco e com determinação, apesar de continuar decidido a encerrar a análise. Cria um jogo em que as coisas tombam: pedras, poeira. Molda em argila objetos que caem, que ele joga fora, como o "coelho", e já não tem muito a dizer. Em lugar das mentiras, inventa, com os colegas, uma espécie de revista em quadrinhos, com desenhos e histórias muito bem escritas e elaboradas.

Ele intitula uma dessas "Os peixes do mar," e dá ao desenho que a acompanha uma abordagem singular. Comunica-me que esse será o último da análise, como se fosse "o resumo de uma coisa importante". Depois decide levá-lo para colocar na moldura e pendurar em seu quarto. "Como alguém que possui pinturas de seus ancestrais", diz, "mesmo sem nunca tê-los visto" (Fig. 12).

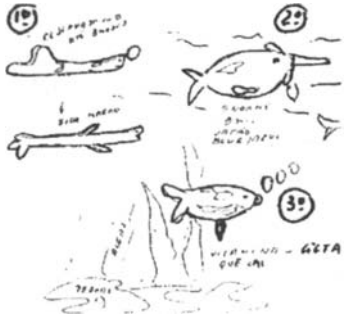


Fig. 12

1. "O primeiro peixe possui um reservatório que lhe fornece alimento quando ele é ainda um bebê.
2. O segundo peixe tem uma gota presa na barriga. Quando ele começa a crescer, a gota cai, e servirá de vitamina para os outros peixes.
3. O terceiro peixe aparece somente nas tempestades: sua pesca é muito perigosa, mas mesmo assim os pescadores se arriscam, e alguns acabam até morrendo. Quando isso acontece, o pescador é incinerado e jogado ao mar. O corpo fica lá, flutuando, para lembrar que alguém já esteve ali.

Seu desenho conta, de fato, uma história, em que o sujeito denota saber algo sobre o objeto de seu gozo, mas também testemunha a impossibilidade de se reunir a esse objeto, demarcando a inscrição de algo na vertente do objeto *a*.

Se, no primeiro peixe, o sujeito parece evocar a relação com a mãe, no segundo a gota que cai parece propiciar ao sujeito uma separação do gozo materno. No terceiro peixe, o risco da morte está em questão, sinalizando ao sujeito a passagem necessária pela castração simbólica, da qual a morte é o símbolo. Mas restam os corpos, boiando: como restos de um gozo que, já marcado pela castração, fica reduzido a marcas... A gota caída, passada adiante como alimento, evocaria o objeto *a*, demarcando algo da causa de desejo do sujeito?

De todo modo, B. está determinado a "terminar" a análise. Encontra o acordo do analista – mesmo com pergunta se seria esse o momento de conclusão da análise dessa criança.

Já estaria sendo possível a esse sujeito manter a barra no Outro e em si mesmo, e sustentar a marca de separação com o objeto? Não estando no lugar desse objeto que seria o do desejo do Outro, mas reconhecendo que entre dois há uma hiância, uma falta radical sem possibilidade de junção...

A nossa hipótese é que o fim de análise com uma criança implicaria a constituição do fantasma, em uma montagem distinta da alienação de seu próprio gozo no gozo do Outro. Mas compreende também uma disjunção entre saber e gozo.

Se no lugar de um sujeito "falado" pelo Outro B. se localizava em um mais-de-gozar, seu trabalho na análise terá lhe dado a possibilidade de um remanejamento diante da falta do Outro, franqueando as vias de seu desejo.

Foi sobretudo com sua angústia que o sujeito acionou sua precisão da castração. Freud e Lacan sublinham a importância desse afeto que afeta o sujeito para que, a partir disso, ele possa constatar que a ele não é possível suprir o lugar do significante que falta ao Outro e, assim, fazer articular seu desejo.

Reiterado pelo pai real, o efeito da castração traz a constatação de que nem naquele que detém o falo se encontram todas as respostas. A travessia pelas insígnias paternas permite a B. se destacar dos significantes que lhe tinham sido atribuídos pelo Outro (atrasado, lento) e pelos quais ele era reconhecido.

No que toca a essas marcas que o sujeito leva sem saber, a apropriação de um saber sobre as diferenças vem colocá-lo diante de um saber em falta, que é um saber que interessa, porque é não-todo-saber. B. pôde ressituar a função paterna

no desejo do Outro, o que lhe retorna como sua própria castração.

Interrogar o sexo e a morte permitiu que B. transitasse pelas gerações, construindo uma inserção em sua linhagem, diferenciando-se do pai e da mãe. Em posição de desejante. Assim, não se trata de considerar a conclusão da análise com uma criança nem igual nem diferente da de um adulto, mas considerá-la uma produção fantasmática que leva em conta a inscrição da perda de objeto.

Se existe para o sujeito uma temporalidade que conta na estrutura, isso nos faz pensar que algo do passado pode não somente ser reproduzido, mas produzido e atualizado no presente. Na atualidade de um tempo segundo, novos elementos poderão se incluir. Trata-se de considerar que o sujeito constitui o fantasma e o maneja a partir do desejo, e que o trabalho analítico com as crianças propicia o enquadramento do desejo, incidindo, então, não na estrutura, mas no modo de enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Nesse caso, a saída de B. foi pelo judô: nada de moleza e dentro da lei, uma circunscrição do gozo. E de um modo tal que, possivelmente, nisso que resta de gozo, a falta poderá estar inscrita, como algo que sempre faltará.

A ser confirmado, *a posteriori*.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. X.

FREUD, Sigmund (1923) A organização genital infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1925) Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XX.

LACAN, Jacques. (1974) La tercera. In: *Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 4: A relação de objeto (1956-1957).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário: Le savoir du psychanalyste (1971-1972)*: aula de 4 de novembro de 1971. Inédito.

REVISTA DA LETRA FREUDIANA. *A criança e o saber.* Rio de Janeiro, ano XVII, n. 23, 1999.

VIDAL, Eduardo. Sobre o fantasma. *Letra Freudiana – Hans 1.* Rio de Janeiro, ano X, n. 9, p.95-107, s/d.

resumo

Este trabalho interroga o fim de análise com uma criança, levantando os pontos teóricos que a escuta da clínica nos revela, e tem como intuito verificar efeitos que permitam fazer avançar a psicanálise.

abstract

This paper questions the end of the analysis of a child. It raises some theorical points revealed by the clinic, and it has the aim to verify the effects that allow the development of this psychoanalysis.